

```
mystyle backgroundColor=, commentstyle=, keywordstyle=, numberstyle=,
stringstyle=, basicstyle=, breakatwhitespace=false, breaklines=true, captionpos=b, keepspaces=true,
numbers=left, numbersep=5pt, showspaces=false, showstringspaces=false, showtabs=false,
tabsize=2
style=mystyle
```

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA – UDESC
CENTRO DE CIÊNCIAS TECNOLÓGICAS – CCT
DEPARTAMENTO DE ENGENHARIA MECÂNICA – DEM

LUCAS BUBLITZ

**PHILLIPO: APLICAÇÃO DO MÉTODO DE ELEMENTOS FINITOS NA ANÁLISE
ESTÁTICA DE ESTRUTURAS RÍGIDAS UTILIZANDO PARADIGMAS DE
PROGRAMAÇÃO PARALELA**

JOINVILLE

2023

LUCAS BUBLITZ

**PHILLIPO: APLICAÇÃO DO MÉTODO DE ELEMENTOS FINITOS NA ANÁLISE
ESTÁTICA DE ESTRUTURAS RÍGIDAS UTILIZANDO PARADIGMAS DE
PROGRAMAÇÃO PARALELA**

Dissertação apresentada ao Programa de graduação em Engenharia Mecânica do Centro de Ciências Tecnológicas da Universidade do Estado de Santa Catarina, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Engenharia Mecânica.

Orientador: Pablo Muñoz

JOINVILLE

2023

Para gerar a ficha catalográfica de teses e
dissertações acessar o link:
<https://www.udesc.br/bu/manuais/ficha>

Bublitz, Lucas

PHILLIPO: aplicação do método de elementos finitos
na análise estática de estruturas rígidas utilizando
paradigmas de programação paralela / Lucas Bublitz. -
Joinville, 2023.

51 p. : il. ; 30 cm.

Orientador: Pablo Muñoz.

.
Dissertação - Universidade do Estado de Santa
Catarina, Centro de Ciências Tecnológicas, Bacharelado
em Engenharia Mecânica, Joinville, 2023.

1. Palavra-chave. 2. Palavra-chave. 3. Palavra-chave.
4. Palavra-chave. 5. Palavra-chave. I. Muñoz, Pablo .
II. , . III. Universidade do Estado de Santa Catarina,
Centro de Ciências Tecnológicas, Bacharelado em
Engenharia Mecânica. IV. Título.

ERRATA

Elemento opcional.

Exemplo:

SOBRENOME, Prenome do Autor. Título de obra: subtítulo (se houver). Ano de depósito. Tipo do trabalho (grau e curso) - Vinculação acadêmica, local de apresentação/defesa, data.

Folha	Linha	Onde se lê	Leia-se
1	10	auto-conclavo	autoconclavo

LUCAS BUBLITZ

**PHILLIPO: APLICAÇÃO DO MÉTODO DE ELEMENTOS FINITOS NA ANÁLISE
ESTÁTICA DE ESTRUTURAS RÍGIDAS UTILIZANDO PARADIGMAS DE
PROGRAMAÇÃO PARALELA**

Dissertação apresentada ao Programa de graduação em Engenharia Mecânica do Centro de Ciências Tecnológicas da Universidade do Estado de Santa Catarina, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Engenharia Mecânica.

Orientador: Pablo Muñoz

BANCA EXAMINADORA:

Nome do Orientador e Titulação
Nome da Instituição

Membros:

Nome do Orientador e Titulação
Nome da Instituição

Nome do Orientador e Titulação
Nome da Instituição

Nome do Orientador e Titulação
Nome da Instituição

Joinville, 01 de maio de 2023

Dedico este trabalho a quem, gostando de
aprender, não fica cansado em fracassar.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, aos meus pais, Gerson e Klissia, e à minha vó, Norma, pelo suporte. Agradeço aos meus amigos, Ana, Gabriel, Willian, Lucas, Wesley (e o outro também!), Filipe e Gustavo, por estarem presente nessa longa caminhada da graduação.

“Mas o contraste não me esmaga liberta-me; e
a ironia que há nele é sangue meu. O que
deveria humilhar-me é a minha bandeira, que
desfraldo; e o riso com que deveria rir de mim,
é um clarim com que saúdo e gero uma
alvorada em que me faço.” (Fernando Pessoa
em Livro do Desassossego – *com uma pequena
alteração minha*)

RESUMO

Elemento obrigatório que contém a apresentação concisa dos pontos relevantes do trabalho, fornecendo uma visão rápida e clara do conteúdo e das conclusões do mesmo. A apresentação e a redação do resumo devem seguir os requisitos estipulados pela NBR 6028 (ABNT, 2003). Deve descrever de forma clara e sintética a natureza do trabalho, o objetivo, o método, os resultados e as conclusões, visando fornecer elementos para o leitor decidir sobre a consulta do trabalho no todo.

Palavras-chave: Palavra 1. Palavra 2. Palavra 3. Palavra 4. Palavra 5.

ABSTRACT

Elemento obrigatório para todos os trabalhos de conclusão de curso. Opcional para os demais trabalhos acadêmicos, inclusive para artigo científico. Constitui a versão do resumo em português para um idioma de divulgação internacional. Deve aparecer em página distinta e seguindo a mesma formatação do resumo em português.

Keywords: Keyword 1. Keyword 2. Keyword 3. Keyword 4. Keyword 5.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Forças internas: seção em um sólido qualquer	20
Figura 2 – Estado de tensão	21
Figura 3 – Função de deslocamento sobre a região de um sólido	24
Figura 4 – Deformação de um elemento quadrado infinitesimal	25
Figura 5 – Barra deformada	28
Figura 6 – Fluxograma de execução: GID	36
Figura 7 – Fluxograma de execução: PHILLIPO.jl	37
Figura 8 – Arquivo de condições de contorno: PHILLIPO.cnd	39
Figura 9 – Logo da linguagem Julia	40
Figura 10 – Domínio discretizado em elementos triangulares.	42
Figura 11 – Elemento tetraédrico	45

LISTA DE TABELAS

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

MEF	Método dos Elementos Finitos
FEM	Finite Element Method
MVF	Método dos volumes finitos
SI	Sistema Internacional de Unidades

LISTA DE SÍMBOLOS

1 pipoca

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
1.1	MOTIVAÇÃO	17
1.2	OBJETIVO	17
1.2.1	Objetivos propostos	17
1.3	ORGANIZAÇÃO DO DOCUMENTO	18
2	A MECÂNICA DOS SÓLIDOS: TENSÃO, DEFORMAÇÃO E DES- LOCAMENTO	19
2.1	TENSÃO	19
2.1.1	Equações diferenciais governantes do equilíbrio estático	22
2.2	DESLOCAMENTO E DEFORMAÇÃO	23
2.3	A LEI DE HOOKE	27
2.3.1	A Lei de Hooke Uniaxial	28
2.3.2	A Lei de Hooke em Cisalhamento	29
2.3.3	O Coeficiente de Poisson	29
2.3.4	O Princípio da Sobreposição & A Lei de Hooke Generalizada	30
2.3.5	Estado Plano de Deformação e de Tensão	32
3	PHILLIPO	34
3.1	O PROJETO	34
3.2	FLUXO DE EXECUÇÃO	35
3.3	GID	38
3.3.1	PHILLIPO.gid	38
4	JULIA	40
4.1	ORIGEM	40
5	O MÉTODO DOS ELEMENTOS FINITOS	41
5.1	ANÁLISE TRIDIMENSIONAL SOBRE O TETRAEDRO	43
5.1.1	Relação entre tensão, deformação e deslocamento	43
5.1.2	As funções de interpolação	45
6	VALIDAÇÃO & VERIFICAÇÃO	48
	REFERÊNCIAS	49
	ANEXO A – CÓDIGO FONTE DE PHILLIPO.JL	51

1 INTRODUÇÃO

I think of myself as an engineer, not as a visionary or 'big thinker.' I don't have any lofty goals. (Linus Torvalds)

A limitação do ser humano em captar, integralmente, os fenômenos ao seu redor é evidente, a ponto de não conseguir compreender como eles se dão; analisar um fenômeno, portanto, separando-o em pequenas partes (ou elementos) cujo comportamento já é conhecido (simplificado ou não), e, a partir da justaposição delas, reconstruir o funcionamento do próprio fenômeno, é um modo intuitivo que engenheiros e cientistas procedem em seus estudos, criando modelos matemáticos sobre a natureza (ZIENKIEWICZ, 2000, p. 2).

Decorrente dessa limitação, a necessidade de se criar modelos matemáticos padronizados para a compreensão de fenômenos físicos se faz constante, tanto por permitir sua disseminação e comunicação, quanto por generalizar suas aplicações. A física se utiliza, fortemente, de modelos descritos por equações diferenciais, e isso não é por acaso. Não é como se os físicos tivessem uma preferência sobre símbolos, ou que achassem elegante assim descrever seus modelos. Os físicos, os engenheiros e os cientistas no geral, utilizam-se de equações diferenciais, simplesmente, porque, traduzindo suas observações e modelos nesses objetos matemáticos, a solução, ou seja a predição do fenômeno, pode ser obtida por métodos numéricos já bem consolidados, ou algebricamente em casos particulares. O MEF (Método dos Elementos Finitos) é um desses métodos numéricos: objeto de estudo desta dissertação, em que é aplicado à análise de tensão e deformação em estruturas sólidas sobre carregamentos estáticos em regime elástico linear.

O MEF consiste, basicamente, na ideia apresentada de análise, em que o domínio de uma equação diferencial é subdividido em elementos discretos, descritos por um conjunto de nós formando uma malha. Nesse método, os elementos tem suas propriedades herdadas do domínio (características, condições de contorno etc.), entretanto, a descrição do fenômeno é simplificada por meio de funções de interpolação, descritas pelas características de seus nós. Essas discretizações são, então, justapostas, de modo a garantir a continuidade, formando um sistema linear, cuja solução é uma aproximação da solução da própria equação diferencial.

Esse procedimento é muito custoso em termos de cálculo, visto que para cada elemento é necessário calcular suas funções de interpolação, e depois justapor todos em um grande sistema linear, cuja solução também é custosa. É evidente, então, que o Método dos Elementos Finitos, ou os métodos numéricos em geral, acompanha o desenvolvimento da programação, impulsionado pelo avanço do processamento computacional (OñATE, 2009). O poder computacional permite que se trabalhe com um volume inconcebível, para a capacidade humana, de dados e operações, como também das estruturas de dados e algoritmos que os manipulam. O algoritmo e a estrutura de dados passam a ser tão relevantes quanto a própria equação diferencial. Então, é de se esperar que uma aplicação desse método seja acompanhada de um projeto de software conciso, cujo objetivo não seja só a otimização computacional, mas a legibilidade

e modularização.

A abordagem do tema na graduação de engenharia mecânica, porém, é focada, fortemente, na aplicação direta dos algoritmos, sem muita dedicação a assuntos relacionados à legibilidade e à estruturação de dados, o que pode ser devido, dentre outros aspectos, à falta de cadeiras abordando o desenvolvimento de aplicações, ou mesmo de programação como um todo. Com exceção de algumas propedêuticas, que ensinam introdução à lógica de programação em C++, a grade curricular do engenheiro mecânico não contempla o projeto de software, e, portanto, faz com que os discentes, que queiram seguir em áreas mais computacionais, como simulação de fluidos, de estruturas ou análise de dados, tenham que estudar por conta, e, por decorrência disso, acabam desenvolvendo má práticas de programação, ou mesmo, não conseguem desenvolver aplicações de qualidade¹.

Essas cadeiras de programação, pelo menos na perspectiva do aluno de graduação em engenharia mecânica na UDESC, ensinam ferramentas inapropriadas para suas necessidades acadêmicas. Hoje, Python e suas bibliotecas: Pandas, NumPy, CoolProp..., utilizando-se de sua sintaxe simplificada, tipagem dinâmica e popularidade (ocupando a TIOBE Index três vezes nos últimos cinco anos), para possibilitar o acesso facilitado a ferramentas de manipulação de dados (estatística e filtragem com Pandas), construção de modelos físicos (interpolações de propriedades termodinâmicas com CoolProp) e, principalmente, automatização de tarefas (ERNESTI, 2022). Em contra partida, seu desempenho, em termos de processamento, é muito inferior ao de linguagens compiladas, como C e Fortran, cuja eficiência de execução é necessária, quando se trabalha com problemas grandes e complexos, para se obter um tempo de execução razoável, as custas de uma sintaxe prolixa, tipagem estática e gerenciamento manual de memória. Esse dilema entre produtividade de linguagens como Python e o desempenho de linguagens como C, é conhecido como *The Two languages Problem*, ou, em tradução livre, O Problema das Duas Linguagens.

Visando unificar esses dois mundos, e diminuir a distância entre as linguagens, engenheiros do MIT desenvolveram Julia, "a programming language for the scientific community that combines features of productivity languages, such as Python or MATLAB, with characteristics of performance-oriented languages, such as C++ or Fortran." (BEZANSON et al., 2018, tradução livre) Por conta do sucesso de Julia, e de sua comunidade engajada, a linguagem vem sendo adotada mais e mais no âmbito acadêmico, incluindo na área de elementos finitos, o que motivou a escolha dela para o desenvolvimento deste trabalho.

O Método dos Elementos Finitos é uma ferramenta numérica poderosa para a análise de sólidos, e o seu desenvolvimento em linguagens como Julia oferece uma porta de entrada muito convidativa para novos engenheiros, assim como impulsiona novas pesquisas no campo. Entendendo como o método funciona e como é aplicado, observando aspectos tanto matemáticos e

¹ Aplicação de qualidade, é definida aqui, tal como dito no capítulo 4 JULIA, como aquela desenvolvida por bons programadores, que visam a legibilidade e simplicidade do código. Nas palavras de Fowle et al. (1999): qualquer um pode escrever códigos que o computador compreenda, bons programadores escrevem códigos que humanos possam entender.

físicos, quanto de programação e de estrutura de dados, é crucial para que engenheiros possam aplicá-lo devidamente, principalmente quando se utilizam de soluções já prontas: de código-aberto ou proprietárias. Este documento aborda o desenvolvimento de um desses softwares: PHILLIPO.jl, cujo objetivo é expor e aplicar o MEF, abordando alguns aspectos de programação diferenciados daqueles vistos na graduação como programação paralela, modularização e empacotamento, sem o intuito concorrer com outras soluções já consolidadas ou ser referência de aplicação, mas de ser exemplificativo.

1.1 MOTIVAÇÃO

O tema surgiu quando o autor se encontrou na tarefa de adicionar uma funcionalidade em um software já existente de elementos finitos, e percebeu que, mesmo tendo visto o assunto na graduação, não detinha o conhecimento necessário para compreender o seu funcionamento. Então resolveu por criar seu próprio programa, em Julia, aplicando seus conhecimento prévios de projeto de software, desenvolvendo mais o seu entendimento sobre o Método dos Elementos Finitos, assim como de aspectos numéricos computacionais.

1.2 OBJETIVO

O objetivo geral deste trabalho foi desenvolver uma aplicação de MEF para a análise de tensão e deformação em estruturas sólidas sobre carregamentos estáticos em regime elástico linear, utilizando para tanto, aspectos de programação funcional, processamento paralelo, focando em características modulares de implementação e de legibilidade, com o intuito secundário de expor das facilidades e vantagens da linguagem Julia, como também servir de exemplo menor.

1.2.1 Objetivos propostos

Foram propostos os seguintes objetivos específicos:

1. estudar o MEF aplicado na determinação de deformações de estruturas sólidas em regime elástico e linear, sob carregamentos estáticos (implementando os elementos triangulares e tetraédricos, de deformações constantes);
2. programar os algoritmos de MEF em Julia;
3. desenvolver um módulo que seja distribuível pelo gerenciador de pacotes Pkg.jl, em um repositório público hospedado no GitHub;
4. aplicar processamento paralelo em determinadas partes do programa em que as funções nativas não o fazem, a fim de utilizar mais da capacidade de processamento do computador que um código feito sobre o paradigma estruturado;

5. estudar as características da linguagem Julia, e como ela pode ser uma alternativa viável para C e FORTRAN em programação científica de alta performance.

1.3 ORGANIZAÇÃO DO DOCUMENTO

Este documento aborda o projeto e o desenvolvimento de um módulo em Julia, denominado PHILLIPO.jl, que aplica o Método de Elementos Finitos, integrado à ferramenta de pré e pós-processamento GiD, para realizar a análise das tensões em estruturas sólidas e elásticas sobre carregamentos estáticos; e é organizado em capítulos que abordam:

1. A mecânica dos sólidos: tensão e deformação no regime elástico;
2. O método de elementos finitos aplicado no equilíbrio estático de estruturas sólidas;
3. A linguagem de programação Julia: o processamento paralelo acessível a engenheiros mecânicos;
4. PHILLIPO.jl, o módulo;
5. Validação e verificação de resultados;
6. Objetivos alcançados e melhorias em projetos futuros;
7. Conclusão.

O código fonte de PHILLIPO.jl, sob a licença LGPL, assim como o das interfaces de integração com o GiD, estão impressas em anexos, cujos arquivos, incluindo o \LaTeX deste documento, podem ser acessados no repositório: <<https://github.com/lucas-bublitz/PHILLIPO.jl>>.

Todas as figuras foram criadas pelo próprio autor.

2 A MECÂNICA DOS SÓLIDOS: TENSÃO, DEFORMAÇÃO E DESLOCAMENTO

A Mecânica dos Sólidos é parte da física que estuda o comportamento de objetos sólidos sobre carregamentos, aplicando métodos analíticos para determinar suas características de resistência, rigidez e estabilidade. Seu conteúdo é notório por ser fundamental para grande parte da vida dos engenheiros, sendo mecânicos, civis ou mesmo eletricitistas, ao lado de outras áreas também tão fundamentais, Mecânica dos Fluidos e Termodinâmica. Sua aplicação é voltada ao projeto de estruturas a fim de que cumpram determinadas exigências, sejam tanto de deformação máxima, capacidade de carga e peso, como também de economia de materiais. E, por meio de ferramentas matemáticas, estuda os efeitos de tensão e deformação no interior de corpos sólidos. (POPOV, 1990, pág. 2)

Corpos sólidos são conjuntos de matéria que resistem a forças cisalhantes, ou seja, que resistem a trações tangenciais às suas superfícies. Essa é a característica fundamental dos sólidos, e, para contextualização deste capítulo, é importante que também sejam elásticos, homogêneos e isotrópicos. Aqui, um corpo com essas características é denominado **K**.

Corpos sólidos elásticos são aqueles que, quando submetidos a carregamentos, deformam-se, mas, quando cessados os carregamentos, retornam à sua forma original, dentro de seu regime elástico. *Corpos sólidos homogêneos* são aqueles que possuem as mesmas propriedades físicas em todos os pontos de sua geometria, como massa específica, resistência à deformação etc., de modo que uma porção do corpo seja indistinta do restante. *Corpos sólidos isotrópicos* são aqueles que possuem as mesmas propriedades físicas em todas as direções de sua geometria.

Este capítulo aborda os seguintes temas de Mecânica dos Sólidos, relevantes para o desenvolvimento inicial do módulo PHILLIPO.jl voltado à análise de estruturas elásticas sobre carregamentos contantes:

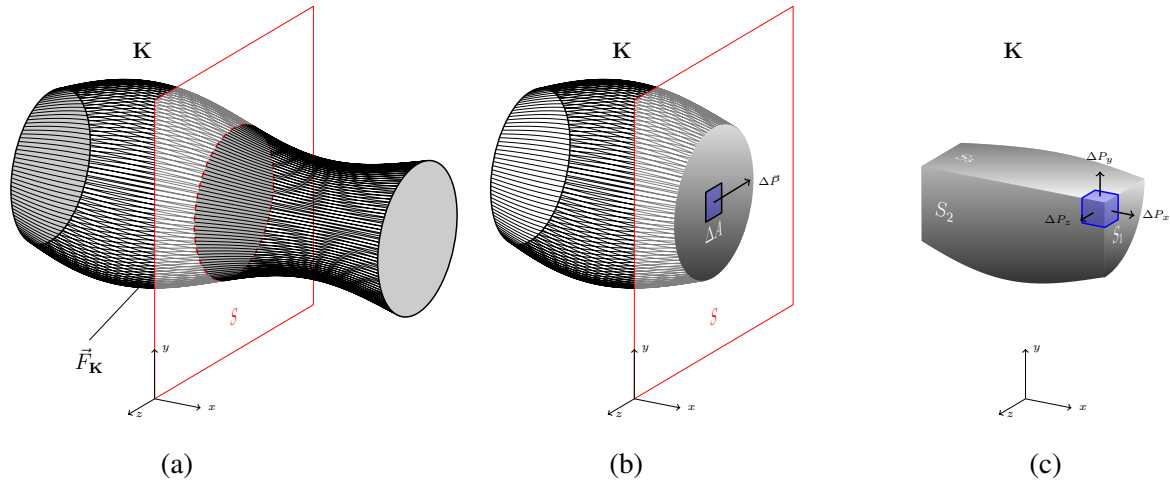
1. tensão;
2. deslocamento e deformação;
3. a lei de Hooke generalizada;
4. modelo de viga de Euler-Bernoulli;
5. tensão de von mises.

2.1 TENSÃO

Um corpo sólido se deforma quando submetido a carregamentos externos¹, distribuindo essas cargas ao longo de sua geometria. Tensão define a grandeza dessa distribuição agindo sobre áreas infinitesimais, de modo que qualquer secção do corpo revele forças internas que estejam em equilíbrio entre si, e que sejam balanceadas pelos carregamentos externos. Essas

¹ Também quando submetido a variações de temperatura. Tal deformação não é tema deste trabalho.

Figura 1 – Forças internas: seção em um sólido qualquer



forças, geralmente, variam ao longo do corpo, como também, dependem do plano de seção. E, devido a sua forma vetorial, é conveniente que sejam decompostas em parcelas tangenciais e normais à seção. (POPOV, 1990, pág. 60)

Sejam um corpo K , sólido, em equilíbrio e de geometria qualquer, submetido a forças externas na forma do carregamento \vec{F} , e as seções $S_{1,2,3}$, planos de corte através de esse corpo, ortogonais entre si, em que atuam as forças internas \vec{P} , conforme a figura 1a. ΔP é a resultante de forças que atuam sobre uma área ΔA (centrada em um certo ponto p) discretizada de S . O limite da razão entre cada componente de ΔP (tangenciais e normais) e a área ΔA , quando $\Delta A \rightarrow 0$, define a tensão sobre o ponto de análise do corpo, de forma que

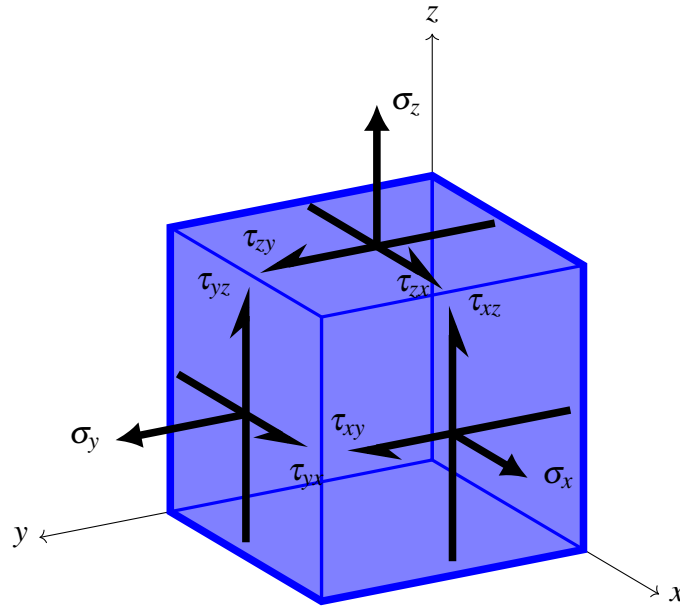
$$\tau_{xx} = \lim_{\Delta A \rightarrow 0} \frac{\Delta P_x}{\Delta A}, \quad \tau_{xy} = \lim_{\Delta A \rightarrow 0} \frac{\Delta P_y}{\Delta A}, \quad \tau_{xz} = \lim_{\Delta A \rightarrow 0} \frac{\Delta P_z}{\Delta A}, \quad (1)$$

em que os índices de τ indicam, o primeiro, a normal do plano infinitesimal em que a tensão atua, e, o segundo, sua direção. Por conveniência, as tensões normais (aquelas que atuam perpendicularmente ao plano) são representadas por σ , ao invés de se utilizar τ com índices repetidos ($\tau_{xx} \equiv \sigma_x$). O símbolo *tau*, então, é reservado às tensões de cisalhamento, que atuam tangencialmente ao plano infinitesimal. No SI, a tensão é mensurada em Pascal ([Pa] = [N/m²]).

Se o mesmo procedimento for realizado para cada face de o elemento cúbico, formado por mais três seções paralelas e equidistantes a $S_{1,2,3}$ da figura 1c, teremos a configuração da tensão em três planos perpendiculares entre si para um certo ponto p em K , conforme a figura 2, o que descreve o estado de tensão para aquele ponto. As componentes do estado de tensão podem ser dispostas na forma do tensor de segunda ordem, denominado tensor de tensões, e, de acordo com Popov (1990), é

$$[\sigma] = \begin{bmatrix} \sigma_x & \tau_{yx} & \tau_{zx} \\ \tau_{xy} & \sigma_y & \tau_{zy} \\ \tau_{xz} & \tau_{yz} & \sigma_z \end{bmatrix}, \quad (2)$$

Figura 2 – Estado de tensão



em que a linha indica o plano em que a componente age, e a coluna, sua direção.

O tensor de tensões é simétrico, o que pode ser demonstrado realizando o somatório de momentos sobre o elemento infinitesimal de tensão, de modo que esteja em equilíbrio. Oportunamente, escolhendo o ponto central para a análise do equilíbrio angular, podemos descrever as seguintes relações (POPOV, 1990, pág. 8):

$$\begin{cases} \vec{i}: \tau_{zy}(dxdy)\frac{dz}{2} - \tau_{yz}(dxdz)\frac{dy}{2} - \tau_{zy}(dydx)\frac{dz}{2} + \tau_{yz}(dxdy)\frac{dy}{2} = 0 \\ \vec{j}: \tau_{xz}(dydz)\frac{dx}{2} - \tau_{zx}(dxdy)\frac{dz}{2} - \tau_{zx}(dxdy)\frac{dz}{2} + \tau_{xz}(dydz)\frac{dx}{2} = 0 \\ \vec{k}: \tau_{yx}(dxdz)\frac{dy}{2} - \tau_{xy}(dydz)\frac{dx}{2} - \tau_{xy}(dydz)\frac{dx}{2} + \tau_{yx}(dxdz)\frac{dy}{2} = 0 \end{cases} \Rightarrow \begin{cases} \tau_{zy} = \tau_{yz} \\ \tau_{xz} = \tau_{zx} \\ \tau_{yx} = \tau_{xy} \end{cases} \quad (3)$$

Portanto,

$$\tau_{ij} = \tau_{ji} \iff [\boldsymbol{\sigma}] = [\boldsymbol{\sigma}]^t. \quad (4)$$

Essa propriedade torna com que o tensor de tensões possua apenas seis componentes independentes, ao invés de nove. Aproveitando-se disso, a notação de Voigt reduz a ordem do tensor, distribuindo as componentes em um vetor coluna de seis elementos, tal que, de acordo com Roylance (2000),

$$\{\boldsymbol{\sigma}\} = \begin{bmatrix} \sigma_x & \sigma_y & \sigma_z & \tau_{xy} & \tau_{xz} & \tau_{yz} \end{bmatrix}^t. \quad (5)$$

2.1.1 Equações diferenciais governantes do equilíbrio estático

Outro fato importante sobre o estado de tensão vem do equilíbrio de forças. Assumindo que a distribuição de tensão $[\sigma](x, y, z)$ é contínua e diferenciável ao longo do domínio Ω do sólido \mathbf{K} , podemos analisar sua variação sobre um elemento cúbico infinitesimal, de modo que a força resultante sobre ele seja nula. Como o tensor de tensões representa a decomposição das forças internas agindo sobre as faces de um cubo infinitesimal, o somatório de forças é a própria integral da tensão ao longo dessas superfícies, ou seja,

$$\oint_A [\sigma] \cdot d\vec{A} = \vec{0}, \quad (6)$$

A integração é sobre uma região fechada, fronteira de um subdomínio de Ω , e portanto, como a tensão foi assumida contínua e diferenciável em todo Ω , podemos aplicar o teorema da divergência² à equação 6, obtendo que

$$\int_V \nabla \cdot [\sigma] dV = \vec{0}. \quad (7)$$

Essa relação é válida para qualquer volume infinitesimal no sólido, independente de sua orientação, ou seja, o domínio de integração V é um volume arbitrário. Deste modo, como a integração deve ser nula independentemente do subdomínio de Ω escolhido para compor V , a função integrada deve ser nula em todo domínio, ou seja,

$$\nabla \cdot [\sigma] = \vec{0}. \quad (8)$$

Esse resultado é o sistema de equações diferenciais parciais de equilíbrio, que governa o estado de tensão. A partir dele, é possível obter tanto a distribuição de tensão sobre o sólido, desde que sejam conhecidas as condições de contorno. Comumente é solucionada por métodos numéricos, como o MEF, devido à dificuldade em encontrar soluções analíticas para geometrias muito complicadas.

Explicitamente, para três dimensões, o sistema de equações diferenciais de equilíbrio é

$$\frac{\partial \sigma_x}{\partial x} + \frac{\partial \tau_{yx}}{\partial y} + \frac{\partial \tau_{zx}}{\partial z} = 0, \quad (9)$$

$$\frac{\partial \tau_{xy}}{\partial x} + \frac{\partial \sigma_y}{\partial y} + \frac{\partial \tau_{zy}}{\partial z} = 0, \quad (10)$$

$$\frac{\partial \tau_{xz}}{\partial x} + \frac{\partial \tau_{yz}}{\partial y} + \frac{\partial \sigma_z}{\partial z} = 0. \quad (11)$$

² O teorema da divergência, também conhecido como teorema de Gauss, afirma que, dada uma função vetorial contínua e diferenciável sobre uma região fechada: $\oint_{\partial\Omega} \vec{f} d\vec{A} = \iiint_{\Omega} \nabla \cdot \vec{f} dV$, em que $\partial\Omega$ representa a fronteira da região Ω .

A direção em que o elemento infinitesimal é orientado altera as componentes do seu estado de tensão, de modo que sua rotação evidencia direções nas quais as tensões não tem componentes tangenciais, ou seja, tem cisalhamento nulo. Essas tensões são chamadas, então, tensões principais.

O tensor de tensões pode ser interpretado como uma transformação linear que recebe um vetor unitário \hat{n} e retorna o vetor da tensão resultante, $\vec{\sigma}_{\hat{n}}$, agindo sobre um plano normal a \hat{n} .³ Caso exista uma tensão resultante que tenha a mesma direção \hat{n} , a tensão não terá componentes tangenciais, uma vez que, sendo colinear ao vetor unitário, é normal ao plano definido por ele. Em termos matemáticos, é o mesmo que $\vec{\sigma}_{\hat{n}} = \sigma \hat{n}$ ⁴, ou, aplicando a transformação linear $[\sigma]$,

$$[\sigma]\hat{n} = \sigma\hat{n}. \quad (12)$$

Observando a forma dessa equação, é evidente que \hat{n} é um autovetor de $[\sigma]$, e σ é o autovalor correspondente, portanto, determiná-los é equivalente a encontrar as tensões principais, ou seja, as raízes do polinômio característica do tensor de tensões:

$$\det([\sigma] - \sigma I) = 0, \quad \text{ou} \quad \begin{vmatrix} \sigma_x - \sigma & \tau_{yx} & \tau_{zx} \\ \tau_{xy} & \sigma_y - \sigma & \tau_{zy} \\ \tau_{xz} & \tau_{yz} & \sigma_z - \sigma \end{vmatrix} = 0. \quad (13)$$

Para o caso bidimensional, a solução desse sistema é bem conhecida, sendo dado por:

$$\sigma_{1,2} = \frac{\sigma_x + \sigma_y}{2} \pm \sqrt{\left(\frac{\sigma_x - \sigma_y}{2}\right)^2 + \tau_{xy}^2}. \quad (14)$$

2.2 DESLOCAMENTO E DEFORMAÇÃO

O deslocamento de um sólido é uma função vetorial que mapeia cada ponto do domínio ao seu respectivo deslocamento, de modo que é igual à variação entre a posição original e a deslocada do ponto.

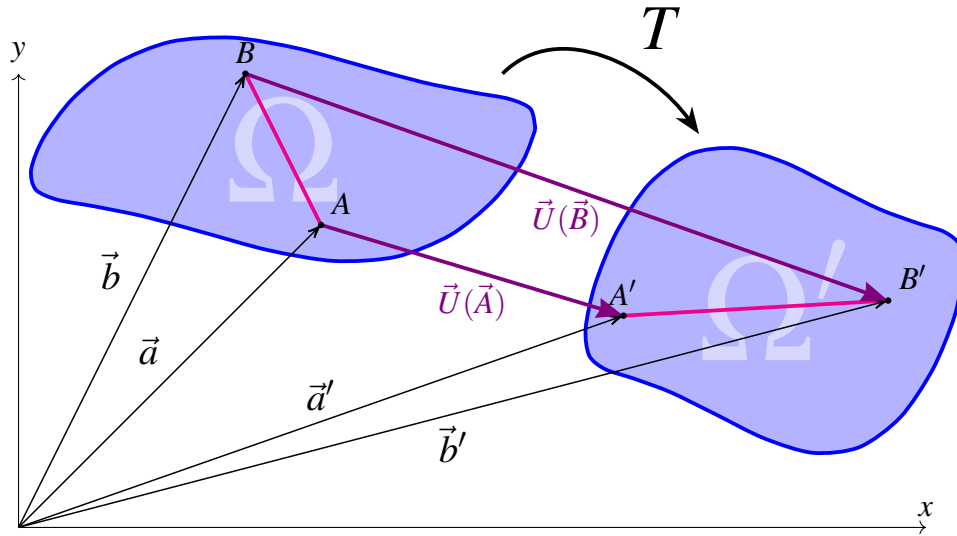
Seja um corpo \mathbf{K} definido sobre uma região Ω , e a função $\vec{U}(\vec{x})$, a representação de seu deslocamento, que descreve a transformação da posição original em deformada de cada ponto, mapeando Ω para Ω' .

$$T(\vec{x}) = \vec{x} + \vec{U}(\vec{x}), \quad \vec{U}_{\mathbf{K}}(x, y, z) = \begin{bmatrix} u(x, y, z) \\ v(x, y, z) \\ w(x, y, z) \end{bmatrix}. \quad (15)$$

³ Aplicando um vetor \hat{n} trivial ($\hat{i}, \hat{j}, \hat{k}$) à transformação $[\sigma]$, obtém-se as próprias tensões mostradas na figura 2, como já era de se esperar.

⁴ $|\sigma|$, nesse sentido, seria a norma da tensão resultante, uma vez que \hat{n} é unitário e adimensional. $|\vec{\sigma}_{\hat{n}}| = |\sigma\hat{n}| = |\sigma||\hat{n}| = |\sigma|$

Figura 3 – Função de deslocamento sobre a região de um sólido



em que u, v, w são as componentes do deslocamento nas direções de x, y, z , respectivamente, e $\vec{x} = (x, y, z)$ é o vetor posição do ponto.

Quando um sólido passa por uma transformação de deslocamentos, pode sofrer translações e deformações, ambas caracterizadas pelas distâncias entre pontos do corpo antes e após a transformação. A figura 3 exibe a transformação sobre um corpo K , e como o segmento de reta AB é mapeado para sua nova configuração sobre Ω' .

Nesse sentido, são duas as possibilidades:

1. As distâncias entre os pontos permanece a mesma; Nesse caso, podemos dizer que a transformação é uma translação⁵, e que o corpo não sofreu de deformação, pois sua geometria foi conservada. Em termos matemáticos,

$$\|T(\vec{a}) - T(\vec{b})\| = \|\vec{a} - \vec{b}\|, \forall \vec{a}, \vec{b} \in \Omega. \quad (16)$$

2. As distâncias entre os pontos não se conservam; Quando isso ocorre, a geometria do corpo é alterada, deformando-se; não significa, entretanto, que o corpo não passou por uma translação. A deformação de sua geometria são as variações das distâncias entre os pontos antes e após a transformação, e nada diz respeito à mudança de posição do corpo. Em termos matemáticos, podemos dizer que

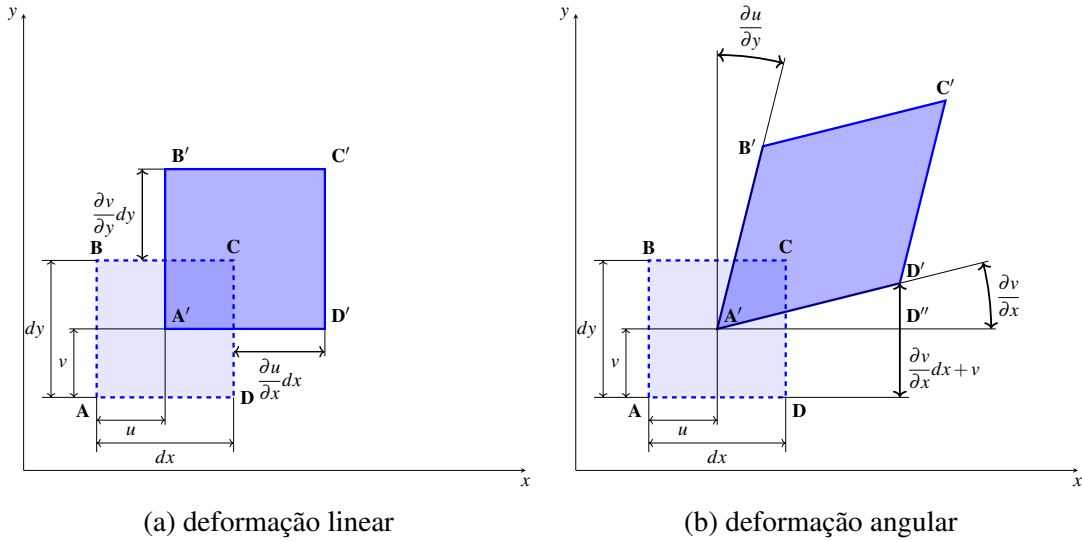
$$\exists \vec{a}, \vec{b} \in \Omega : \|T(\vec{a}) - T(\vec{b})\| \neq \|\vec{a} - \vec{b}\|. \quad (17)$$

A deformação é esse alongamento, ou encurtamento, sofrido pelas linhas entre pontos do corpo, é descrita pela variação do comprimento do segmento dividido pelo comprimento original, ou seja, a variação relativa do comprimento, tal que

$$\varepsilon = \frac{\Delta L}{L}. \quad (18)$$

⁵ Essa transformação também é uma isometria, pois preserva a métrica do espaço, ou seja, o produto interno, de forma que $T(\vec{a} \cdot \vec{b}) = T(\vec{a}) \cdot T(\vec{b})$.

Figura 4 – Deformação de um elemento quadrado infinitesimal



É notável observar que a deformação é uma grandeza adimensional, pois é a razão entre duas grandezas de mesma unidade, porém, é escrita muitas vezes em mm/mm, ou ainda, em porcentagem.

Essa definição, entretanto, está atrelada a uma curva no interior do sólido, e não descreve como que a deformação se manifesta ao longo de toda sua geometria. Similarmente à tensão, define-se a deformação por um tensor de segunda ordem, de modo que suas componentes sejam determinadas pelo efeito que tem sobre um elemento infinitesimal (4). (ROYLANCE, 2000)

A figura 4a mostra um elemento infinitesimal, em que o segmento AD sofreu tanto uma translação quanto uma deformação, dado pelo campo de deslocamento \vec{U} , de modo a se tornar $A'D'$. Portanto,

$$\epsilon_x = \frac{|A'D'| - |AD|}{|AD|}. \quad (19)$$

O comprimento do segmento é o próprio infinitesimal, $|AD| = dx$, já o deformado, é dado pela diferença das posições dos pontos deslocados, de modo, e sabendo da diferenciabilidade do campo de deslocamentos⁶, é

$$|A'D'| = (u + A_x + dx + \frac{\partial u}{\partial x} dx) - (u + A_x) \implies |A'D'| = \frac{\partial u}{\partial x} dx. \quad (20)$$

Agora, substituindo essa expressão na equação 19, temos a definição da deformação linear na direção de x , em que

$$\epsilon_x = \frac{\partial u}{\partial x}. \quad (21)$$

⁶ Isso é importante pois o deslocamento de D' é descrito em função do deslocamento em A , de forma que u , ao ser expandido em uma série de Taylor, ao redor de A_x , seja, determinando se a deformação de D' , $u(A_x + dx) = u(A_x) + \frac{\partial u}{\partial x}(A_x)dx$, em que os termos $O(x^3)$ foram desconsiderado, visto que $dx^2 \ll dx$.

O mesmo procedimento pode ser feito na direção de y , com o segmento AB , como na direção de z , assumindo um elemento infinitesimal cúbico, tal qual a figura 2 do estado de tensão, obtendo-se, assim, todas as definições básicas de deformação linear (POPOV, 1990):

$$\varepsilon_x = \frac{\partial u}{\partial x}, \quad \varepsilon_y = \frac{\partial u}{\partial y}, \quad \varepsilon_z = \frac{\partial u}{\partial z}. \quad (22)$$

Na figura 4b, ocorre a deformação por cisalhamento, em que os segmentos AD e AB são, além de transladados, rotacionados em torno de A' , de modo a distorcer a geometria do elemento. Agora, a deformação ocorre na direção tanto em x , quanto em y , e é definida pela redução do ângulo reto $\angle BAD$, determinada, em termos do campo de deslocamentos (tal como na deformação linear) analisando o triângulo $A'D'D''$.

A função v , quando variada em x da posição de A até D , descreve o deslocamento dos pontos da face inferior do elemento infinitesimal na direção de y , ou seja, a hipotenusa do triângulo $A'D'D''$; a inclinação, portanto, dessa reta é própria derivada de v na direção x , ou seja,

$$\angle D'A'D'' = \tan \frac{\partial v}{\partial x} \approx \frac{\partial v}{\partial x} \quad (23)$$

7

Outro modo de se obter a mesma expressão é aplicar a definição trigonométrica da tangente sobre o triângulo $A'D'D''$, de forma que, em suma,

$$|A'D''| = \sqrt{dx^2 - \left(\frac{\partial v}{\partial x}dx\right)^2}, \text{ Teorema de Pitágoras} \quad (24)$$

$$= \sqrt{dx^2}, \left(\frac{\partial v}{\partial x}dx\right)^2 \ll dx, \quad (25)$$

$$|A'D''| = dx, \quad (26)$$

$$\tan \angle D'A'D'' = \frac{|D'D''|}{|A'D''|}, \quad (27)$$

$$= \frac{\partial v}{\partial x} dx \frac{1}{dx}, \quad (28)$$

$$= \frac{\partial v}{\partial x}. \quad (29)$$

$$(30)$$

O mesmo pode ser feito na direção de y , para encontrar a inclinação do segmento $A'B'$, como também para z , considerando um elemento infinitesimal cúbico.

⁷ É essa aproximação é devida pois para ângulos suficientemente pequenos: $\tan \theta = \theta$, o que pode ser verificado expandindo a série de Taylor ao redor de $x = 0$.

A deformação, portanto, de cisalhamento do elemento infinitesimal é dada, em termos do deslocamento, por

$$\gamma_{xy} = \gamma_{yx} = \frac{\partial u}{\partial y} + \frac{\partial v}{\partial x} \quad (31)$$

$$\gamma_{xz} = \gamma_{zx} = \frac{\partial w}{\partial x} + \frac{\partial u}{\partial z} \quad (32)$$

$$\gamma_{yz} = \gamma_{zy} = \frac{\partial w}{\partial y} + \frac{\partial v}{\partial z} \quad (33)$$

$$(34)$$

Por convenção⁸, $\gamma_{ij} = 2\varepsilon_{ij}$, $i \neq j$. (ROYLANCE, 2000)

O tensor de deformações é

$$[\varepsilon] = \begin{bmatrix} \varepsilon_{xx} & \varepsilon_{xy} & \varepsilon_{xz} \\ \varepsilon_{yx} & \varepsilon_{yy} & \varepsilon_{yz} \\ \varepsilon_{zx} & \varepsilon_{zy} & \varepsilon_{zz} \end{bmatrix} = \begin{bmatrix} \frac{\partial u}{\partial x} & \frac{1}{2} \left(\frac{\partial u}{\partial y} + \frac{\partial v}{\partial x} \right) & \frac{1}{2} \left(\frac{\partial u}{\partial z} + \frac{\partial w}{\partial x} \right) \\ \frac{1}{2} \left(\frac{\partial v}{\partial x} + \frac{\partial u}{\partial y} \right) & \frac{\partial v}{\partial y} & \frac{1}{2} \left(\frac{\partial v}{\partial z} + \frac{\partial w}{\partial y} \right) \\ \frac{1}{2} \left(\frac{\partial w}{\partial x} + \frac{\partial u}{\partial z} \right) & \frac{1}{2} \left(\frac{\partial w}{\partial y} + \frac{\partial v}{\partial z} \right) & \frac{\partial w}{\partial z} \end{bmatrix}, \quad (35)$$

ou, em notação indicial

$$\varepsilon_{ij} = \frac{1}{2} \left(\frac{\partial \vec{U}_j}{\partial i} + \frac{\partial \vec{U}_i}{\partial j} \right), \quad (36)$$

em que vale o mesmo tipo de notação que as tensões, $\varepsilon_{ii} = \varepsilon_i$, e que $\vec{U}_x = u$, $\vec{U}_y = v$, $\vec{U}_z = w$.

Tal como o tensor de tensões, o tensor de deformações é simétrico, e, portanto, só possui seis componentes independentes. Na notação de Voigt, de acordo com Roylance (2000),

$$\{\varepsilon\} = \begin{bmatrix} \varepsilon_x & \varepsilon_y & \varepsilon_z & \varepsilon_{xy} & \varepsilon_{xz} & \varepsilon_{yz} \end{bmatrix}^T \quad (37)$$

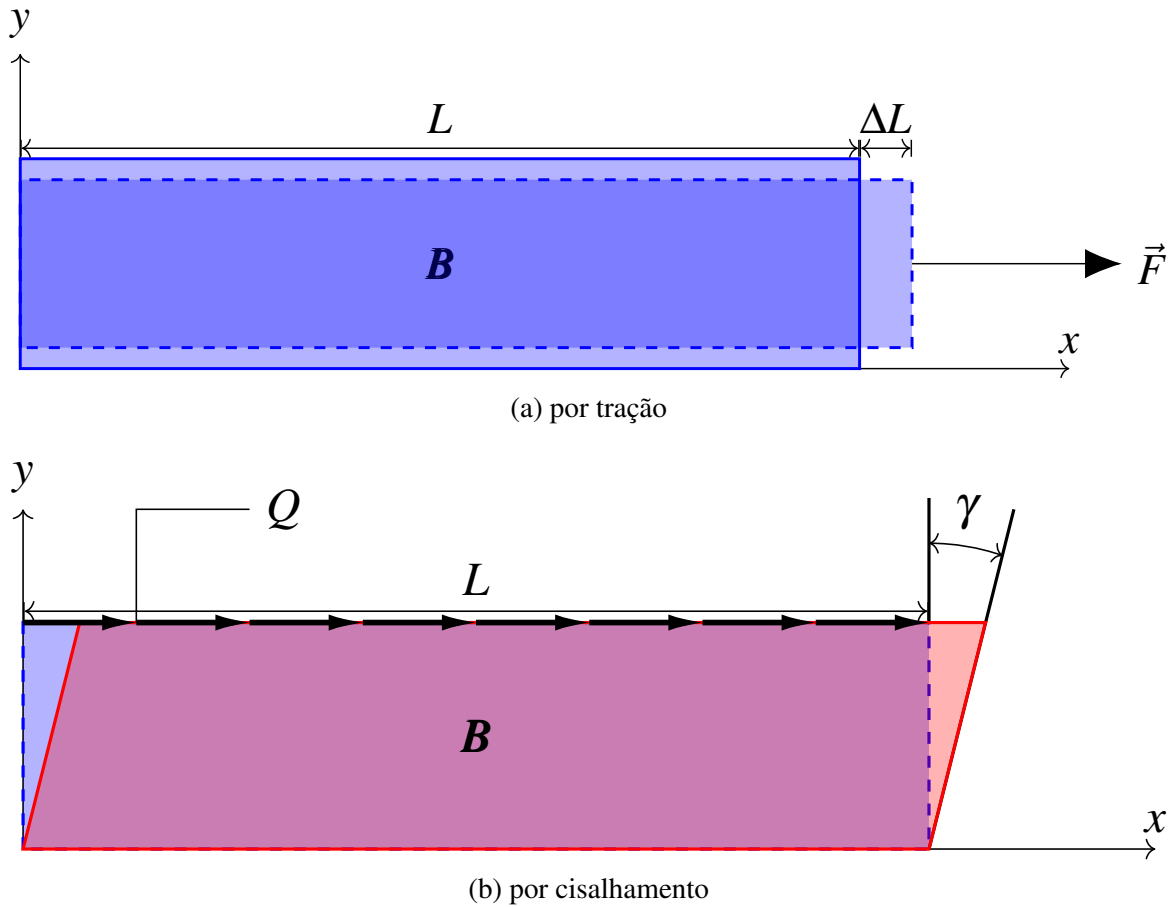
2.3 A LEI DE HOOKE

Em corpos sólidos e elásticos, a deformação está relacionada diretamente com a tensão em seu interior, de modo que se possa, dentro de certas condições, descrever uma transformação linear entre elas. Essa transformação é nomeada *Lei de Hooke*, e, utilizando a notação de Voigt, é descrita por

$$\{\sigma\} = [C]\{\varepsilon\}. \quad (38)$$

⁸ Essa convenção não é mero simbolismo, mas faz com que o tensor de deformações tenha propriedades interessantes; é possível, porém, intuir uma razão para tanto, observado que, para um mesmo elemento, a deformação por cisalhamento em x já tem a parcela da deformação na direção de y , e por conta disso, são divididas. (POPOV, 1990)

Figura 5 – Barra deformada



$[C]$ é denominada *matriz de constitutiva*⁹, definida em termos das características do material do corpo, como Módulo de Elasticidade e Coeficiente de Poisson, utilizando o *Princípio de Sobreposição*

2.3.1 A Lei de Hooke Uniaxial

Sejam a barra B , um corpo sólido, homogêneo, em equilíbrio, de comprimento L , engastado em sua face esquerda, e de seção transversal A , e F , uma força constante que atua sobre a face direita de B , na direção de x , que a deforma em B' até um comprimento $L + \Delta L$, tal como na figura 5a.

A tensão desenvolvida em uma seção S de B , perpendicular à força \vec{F} , pode ser descrita em termos do módulo de elasticidade, E (também denominado Módulo de Young), que é uma característica intrínseca do material de B , e da deformação, ϵ_x , atuando na mesma direção da força. Essa relação, denominada *Lei de Hooke Uniaxial*, é linear da forma

⁹ A matriz constitutiva é uma forma de notação abreviada para descrever essa relação. Da mesma forma que o tensor de tensões é abreviado por um vetor na notação de Voigt, devido sua simetria, a matriz constitutiva é a abreviação de do tensor de elasticidade, um tensor de quarta ordem que mapeia o espaço das deformações no das tensões.

$$\sigma_x = E \varepsilon_x. \quad (39)$$

A unidade de E é a mesma de σ_x , o que é coerente, pois ε_x é adimensional, ou seja, o módulo de elasticidade é medido, no SI, em Pascal. O módulo de Young não depende da geometria do corpo, mas do material de que é feito (dentre outras condições mais específicas), entretanto, pode variar conforme a direção da deformação, para materiais que não são isotrópicos, diferentemente, de \mathbf{K} . Aqui E é tratado como constante.

Essa relação desconsidera outros efeitos de deformação no interior do sólido, como a deformação transversal, ε_y (que pode ser observada como o encurtamento da altura da barra na figura 5a), e a por cisalhamento, γ_{xy} . É, comumente, empregado em casos que essas não são relevantes, como molas, barras e vigas. Vale lembrar que a Lei de Hooke é válida apenas para deformações elásticas, ou seja, que não ultrapassem o limite de elasticidade do material.¹⁰

2.3.2 A Lei de Hooke em Cisalhamento

Sejam a barra \mathbf{B} , um corpo sólido, homogêneo, em equilíbrio, de comprimento L , engastado em sua face inferior, e de seção transversal A , e Q , uma carregamento constante que atua sobre a face superior de \mathbf{B} , tangencialmente, na direção de x , que a deforma em \mathbf{B}' , inclinando-a, até um ângulo γ , tal como na figura 5b.

A tensão desenvolvida em uma seção S de \mathbf{B} , paralela ao carregamento de Q , pode ser descrita em termos do módulo de cisalhamento, G , que é uma característica intrínseca do material de \mathbf{B} , e da deformação angular, γ , atuando na inclinação das seções verticais. Essa relação, denominada *Lei de Hooke em Cisalhamento*, é linear da forma

$$\tau_{xy} = G\gamma_{xy}, \quad = \tau_{xy} = 2G\varepsilon_{xy}. \quad (40)$$

O módulo de cisalhamento tem a mesma unidade de tensão, e, assim como o módulo de Young (a final, γ é adimensional), não depende da geometria do corpo, mas do material de que é feito (dentre outras condições mais específicas), entretanto, pode variar conforme a direção da deformação, para materiais que não são isotrópicos, diferentemente, de \mathbf{K} . Aqui G é tratado como constante.

2.3.3 O Coeficiente de Poisson

Na deformação uniaxial de um corpo sólido, tal como na figura 5a, é razoável que o corpo também se deforme em outras direções, perpendiculares a aquela, de forma que existe,

¹⁰ O limite de elasticidade do material é determinado experimentalmente, observando como se deforma sobre carregamentos controlados, determinando a região de deformações em que o material preserva-se na Lei de Hooke, ou seja, mantém uma relação linear entre deformação e tensão, e ao ser aliviado dos carregamentos externos, volta à geometria original.

dentro de determinados limites do regime elástico, uma relação entre essas deformações. Observa-se, por meio da experiência prática, que a deformação transversal é negativa, o corpo tende a se contrair quando submetido a uma deformação axial. Se o corpo se deforma ao longo de x um $\varepsilon_x > 0$, ele se contrai em y , ou seja, desenvolve uma deformação $\varepsilon_y < 0$, de forma que (LUBLINER, 2017)

$$\nu = -\frac{\varepsilon_y}{\varepsilon_x}, \quad (41)$$

em ν representa o coeficiente de Poisson, a razão entre a deformação transversal e a deformação axial, uma característica intrínseca do material, e, assim como os módulos de Young e de cisalhamento, não depende da geometria do corpo, mas do material de que é feito (dentre outras condições mais específicas), entretanto, pode variar conforme a direção da deformação, para materiais que não são isotrópicos, diferentemente, de \mathbf{K} . Aqui ν é tratado como constante.

2.3.4 O Princípio da Sobreposição & A Lei de Hooke Generalizada

O *princípio da sobreposição* permite a aditividade de efeitos (leia-se, deformações) na presença de múltiplas causa (leia-se, tensões). Invocando esse princípio, nós podemos expressar o total de deformação percebida pelo corpo como a soma de todas as deformações devidas aos componentes individuais de tensão presentes no corpo. (LUBLINER, 2017, pág. 252, tradução livre)

Esse princípio é válido quando, de acordo com (LUBLINER, 2017):

1. as equações de equilíbrio são lineares nas tensões;

Observando a equação 11, é possível notar que, dado dois conjuntos de tensões que satisfazem as equações de equilíbrio, a soma desses dois conjuntos também o faz, ou seja, as equações de equilíbrio são lineares nas tensões. Em termos matemáticos, é o mesmo que demonstrar a linearidade da transformação $T(*) = \nabla \cdot (*)$,

$$\nabla \cdot (k_1[\boldsymbol{\sigma}]_1 + k_2[\boldsymbol{\sigma}]_2) = 0 \implies \nabla \cdot (k_1[\boldsymbol{\sigma}]_1) + \nabla \cdot (k_2[\boldsymbol{\sigma}]_2) = 0 \implies k_1 \nabla \cdot [\boldsymbol{\sigma}]_1 + k_2 \nabla \cdot [\boldsymbol{\sigma}]_2 = 0, \quad (42)$$

em que k_1, k_2 são constantes reais, e $[\boldsymbol{\sigma}]_1, [\boldsymbol{\sigma}]_2$ são conjuntos de tensões arbitrários, que satisfazem as equações de equilíbrio.

2. as relações entre deformação e deslocamento são lineares;

Tal como no item anterior, é possível demonstrar essa propriedade tomando dos conjuntos de deslocamentos arbitrários, que, quando somados, levam um conjunto de deformações que equivale ao somatório das deformações de cada conjunto de deslocamentos individualmente.

3. as relações entre tensão e deformação são lineares.

Observando as relações definidas para o módulo de Young, o módulo de cisalhamento e o coeficiente de Poisson, fica evidente que todas são lineares.

Assumindo agora que sobre um elemento infinitesimal cúbico, tal qual a figura 2, atuam todas as componentes do tensor de tensões, de modo que, utilizando as relações entre deformação e tensão, das equações 39 e 40, como também a relação entre deformações, equação 41, é possível determinar o efeito de deformação causado por cada componente de tensão, tal que, devido à tensão σ_x , o elemento infinitesimal percebe as deformações

$$\varepsilon_x = \frac{\sigma_x}{E}, \quad \varepsilon_y = -\nu \frac{\sigma_x}{E}, \quad \varepsilon_z = -\nu \frac{\sigma_x}{E}. \quad (43)$$

As outras tensões, σ_y e σ_z , se comportam de forma análoga, de modo que

$$\varepsilon_x = -\nu \frac{\sigma_y}{E}, \quad \varepsilon_y = \frac{\sigma_y}{E}, \quad \varepsilon_z = -\nu \frac{\sigma_y}{E}, \quad (44)$$

$$\varepsilon_x = -\nu \frac{\sigma_z}{E}, \quad \varepsilon_y = -\nu \frac{\sigma_z}{E}, \quad \varepsilon_z = \frac{\sigma_z}{E}. \quad (45)$$

As tensões de cisalhamento, τ_{xy} , τ_{xz} e τ_{yz} , por sua vez, causam as deformações angulares,

$$\gamma_{xy} = \frac{\tau_{xy}}{G}, \quad \gamma_{xz} = \frac{\tau_{xz}}{G}, \quad \gamma_{yz} = \frac{\tau_{yz}}{G}. \quad (46)$$

Sobrepondo as deformações axiais para cada eixo, e as deformações angulares, é possível determinar as relações entre todas as tensões e todas as deformações, denominada *lei de Hooke generalizada*:

$$\varepsilon_x = \frac{\sigma_x}{E} - \nu \frac{\sigma_y}{E} - \nu \frac{\sigma_z}{E}, \quad (47)$$

$$\varepsilon_y = -\nu \frac{\sigma_x}{E} + \frac{\sigma_y}{E} - \nu \frac{\sigma_z}{E}, \quad (48)$$

$$\varepsilon_z = -\nu \frac{\sigma_x}{E} - \nu \frac{\sigma_y}{E} + \frac{\sigma_z}{E}, \quad (49)$$

$$\gamma_{xy} = \frac{\tau_{xy}}{G}, \quad (50)$$

$$\gamma_{xz} = \frac{\tau_{xz}}{G}, \quad (51)$$

$$\gamma_{yz} = \frac{\tau_{yz}}{G}. \quad (52)$$

O módulo de cisalhamento pode ser determinado em termos da razão de Poisson e do módulo de Young, de modo que¹¹

$$G = \frac{E}{2(1 + \nu)}. \quad (53)$$

¹¹ A demonstração dessa relação se utiliza das fórmulas de rotação dos tensores de deformações e de tensores, que não são tratadas aqui.

Em forma matricial, a lei de Hooke generalizada pode ser escrita como, utilizando a notação de Voigt para ε e σ , como que $\frac{\gamma}{2} = \varepsilon$,

$$\begin{bmatrix} \varepsilon_x \\ \varepsilon_y \\ \varepsilon_z \\ \varepsilon_{xy} \\ \varepsilon_{xz} \\ \varepsilon_{yz} \end{bmatrix} = \frac{1}{E} \begin{bmatrix} 1 & -\nu & -\nu & 0 & 0 & 0 \\ -\nu & 1 & -\nu & 0 & 0 & 0 \\ -\nu & -\nu & 1 & 0 & 0 & 0 \\ 0 & 0 & 0 & (1+\nu) & 0 & 0 \\ 0 & 0 & 0 & 0 & (1+\nu) & 0 \\ 0 & 0 & 0 & 0 & 0 & (1+\nu) \end{bmatrix} \begin{bmatrix} \sigma_x \\ \sigma_y \\ \sigma_z \\ \tau_{xy} \\ \tau_{xz} \\ \tau_{yz} \end{bmatrix}, \quad (54)$$

Invertendo esse sistema, obtemos a matriz constitutiva da equação 38,

$$\sigma = \frac{E}{(1+\nu)(1-2\nu)} \underbrace{\begin{bmatrix} 1-\nu & \nu & \nu & 0 & 0 & 0 \\ \nu & 1-\nu & \nu & 0 & 0 & 0 \\ \nu & \nu & 1-\nu & 0 & 0 & 0 \\ 0 & 0 & 0 & \frac{1-2\nu}{2} & 0 & 0 \\ 0 & 0 & 0 & 0 & \frac{1-2\nu}{2} & 0 \\ 0 & 0 & 0 & 0 & 0 & \frac{1-2\nu}{2} \end{bmatrix}}_{[C]} \varepsilon \quad (55)$$

Para que essa matriz exista, é necessário que $-1 < \nu < \frac{1}{2}$.¹²

2.3.5 Estado Plano de Deformação e de Tensão

O Estado Plano de Tensão (EPT) é quando o corpo é suficientemente flexível em uma direção (como uma chapa ou uma placa), fazendo com que a tensão nessa direção possa ser negligenciada, ou seja, $\sigma_z = \tau_{xz} = \tau_{yz} = 0$. Nesse caso, a lei de Hooke generalizada se reduz a¹³

$$\begin{bmatrix} \varepsilon_x \\ \varepsilon_y \\ \varepsilon_{xy} \end{bmatrix} = \frac{1}{E} \begin{bmatrix} 1 & -\nu & 0 \\ -\nu & 1 & 0 \\ 0 & 0 & (1+\nu) \end{bmatrix} \begin{bmatrix} \sigma_x \\ \sigma_y \\ \tau_{xy} \end{bmatrix}, \quad (56)$$

$$\varepsilon_z = -\nu \frac{\sigma_x}{E} - \nu \frac{\sigma_y}{E}. \quad (57)$$

ε_z passou a ser uma variável dependente, pois é determinada, totalmente, pelas outras deformações.

As Relações que definem a matriz constitutiva para o estado plano de tensão:

¹² Materiais com $\nu = 0.5$ são chamados de incompressíveis, pois não sofrem deformações volumétricas.

¹³ Tanto a matriz constitutiva do EPT e quando do EPD são facilmente deduzidas da lei de Hooke generalizada, apenas atribuindo os valores nulos e trabalhando com as inversas da matriz $[C]$.

$$\begin{bmatrix} \sigma_x \\ \sigma_y \\ \tau_{xy} \end{bmatrix} = \frac{E}{1-\nu^2} \underbrace{\begin{bmatrix} 1 & \nu & 0 \\ \nu & 1 & 0 \\ 0 & 0 & \frac{1-\nu}{2} \end{bmatrix}}_{[C]} \begin{bmatrix} \varepsilon_x \\ \varepsilon_y \\ \varepsilon_{xy} \end{bmatrix}. \quad (58)$$

O Estado de Plano de Deformação (EPD), por sua vez, é quando o corpo é suficientemente rígido em uma direção (como uma barragem ou um muro), fazendo com que a deformação nessa direção possa ser negligenciada, ou seja, $\varepsilon_z = \gamma_{xz} = \gamma_{yz} = 0$. Nesse caso, a lei de Hooke generalizada se reduz a

$$\begin{bmatrix} \sigma_x \\ \sigma_y \\ \tau_{xy} \end{bmatrix} = \frac{E}{1-\nu^2} \underbrace{\begin{bmatrix} 1 & \nu & 0 \\ \nu & 1 & 0 \\ 0 & 0 & \frac{1-\nu}{2} \end{bmatrix}}_{[C]} \begin{bmatrix} \varepsilon_x \\ \varepsilon_y \\ \varepsilon_{xy} \end{bmatrix}, \quad (59)$$

$$\gamma_{xz} = -\nu \frac{\sigma_x}{E} - \nu \frac{\sigma_y}{E}. \quad (60)$$

γ_{xz} passou a ser uma variável dependente, pois é determinada, totalmente, pelas outras deformações. (LUBLINER, 2017)

3 PHILLIPO

PHILLIPO é um *solver* para campos de deformação em estruturas discretizadas por elementos finitos, e segue a simbologia e o padrão dos algoritmos descritos por Zienkiewicz em sua obra intitulada *The Finite Element Method*, com algumas otimizações computacionais relacionadas a paralelismo e matrizes esparsas, e que visa constituir-se como base didática na implementação legível e concisa dos algoritmos de elementos finitos em Julia no âmbito acadêmico nacional. PHILLIPO é um programa de código aberto, que é distribuído em um repositório público¹ sob a licença LGPL². Portanto, sua utilização é gratuita e livre para fins acadêmicos e comerciais, que incluem a modificação, implementação e venda de qualquer parte do programa, como também da documentação que o acompanha; só se resguarda, entretanto, a devida citação deste documento.

PHILLIPO foi idealizado, a princípio, como um projeto de aplicação do método de elementos finitos em um contexto de programação estruturada, porém, observou-se que essa abordagem é, senão obsoleta, já muito utilizada em pesquisas científicas. Portanto, optou-se em trazer uma visão de projeto de software, alterando o paradigma para a programação em dispatchos múltiplos (um forma alternativa à orientação a objetos), uma vez que tópicos envolvendo esses assuntos não são muito discutidos nas cadeiras dos cursos de engenharia (menos a de software, é claro), e que as vantagens desse tipo de abordagem vão desde a legibilidade do código, até o reaproveitamento de estruturas de dados e funções.

Um *solver*, ou em melhor português, um solucionador em MEF não é uma novidade no mundo acadêmico, nem no comercial. Softwares como Calculix (que é distribuído integrado com o FreeCAD) e o FreeFEM, que já conta com 7 mil commits em seu repositório, são continuamente produzidos e aprimorados desde antes da virada do milênio, um trabalho que demanda tempo e uma comunidade bem ativa.

Destarte, a pretensão de PHILLIPO não é fornecer uma alternativa a esses softwares, muito menos servir de módulo ou biblioteca para agregar algum deles, além do mais, a elaboração de programas robustos e confiáveis é um trabalho demorado e de muitas pessoas. O próprio FreeFEM já conta com mais de 7 mil commits em seu repositório, com a participação de 41 desenvolvedores. (HECHT, 2012).

3.1 O PROJETO

PHILLIPO foi idealizado para ser modular, implicando em ser encapsulado no sentido de que cada parte do código ao mesmo tempo que fosse integrada com o restante, fosse suficientemente independente a ponto de ser reutilizada por novas adições ao programa. Por conta disso,

¹ O repositório é mantido no GitHub, assim como o presente documento em formato LaTeX: <<https://github.com/lucas-bublitz/PHILLIPO>>

² O GiD, interface de pré e pós-processamento, é um software distribuído comercialmente, e não está sujeito à mesma licença que PHILLIPO.

a elaboração de um conjunto de módulos e tipos, dentro do paradigma de despachos múltiplos, foi vital para alcançar essa meta, que não visa só a organização do código, mas sim, construir uma base forte o bastante para possibilitar a fácil implementação futura de novas funcionalidades.

3.2 FLUXO DE EXECUÇÃO

O fluxo de execução é uma ferramenta de projeto que tem como objetivo descrever a ordem e as condições que determinadas seções do código são executadas. A utilização de PHIL-LIPO.jl segue os diagramas das figuras 6 e 7. Vale ressaltar que esses diagramas não expressão, propriamente,

Figura 6 – Fluxograma de execução: GID

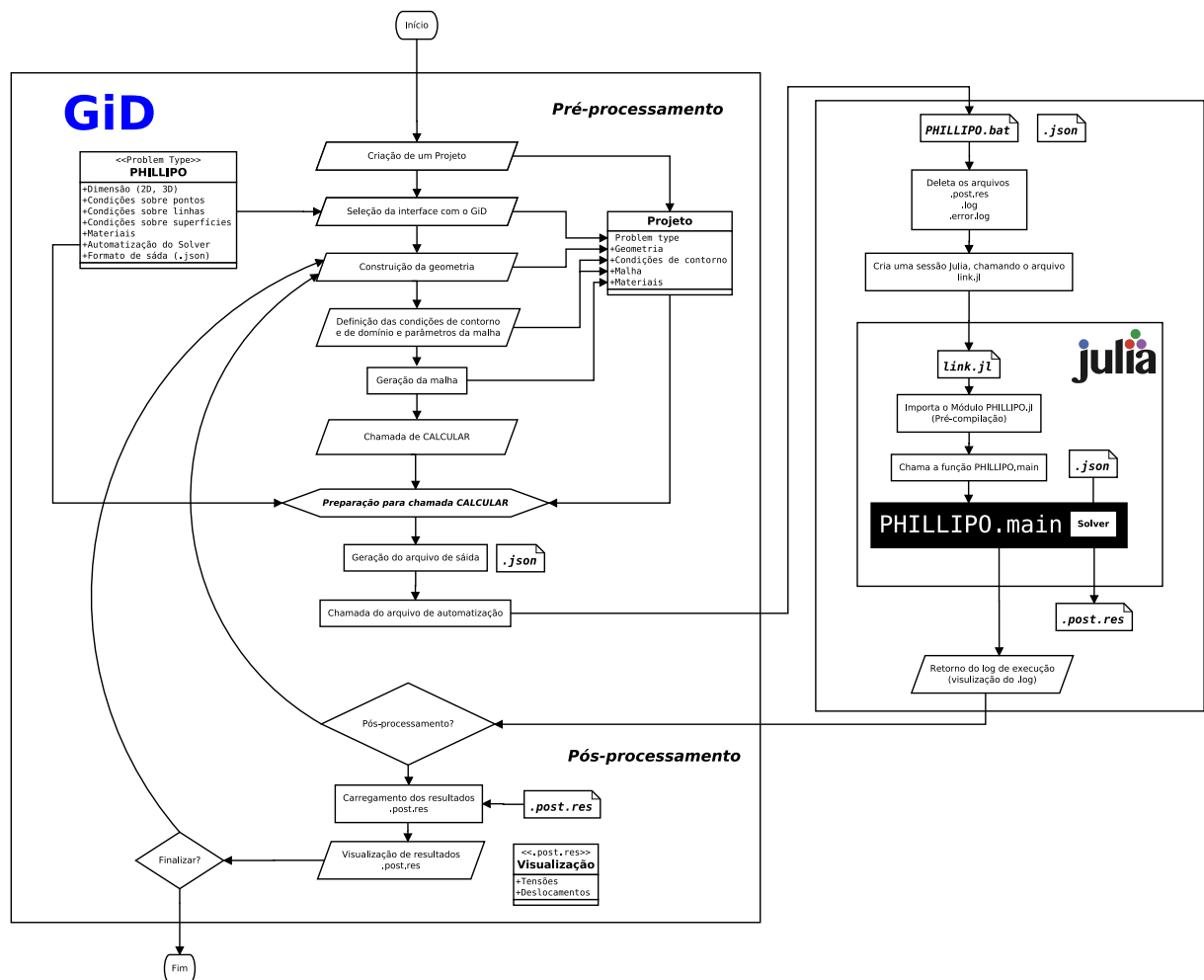
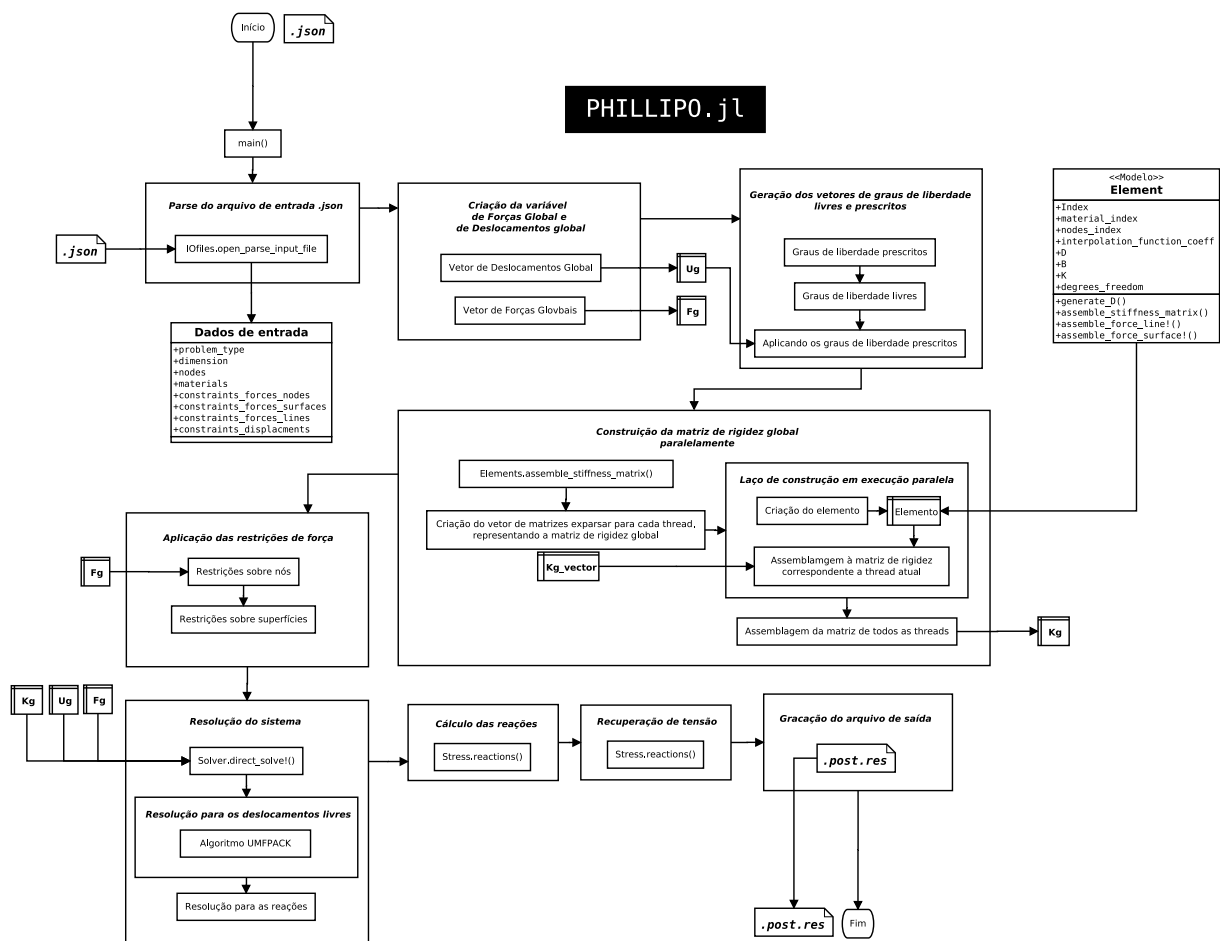


Figura 7 – Fluxograma de execução: PHILLIPO.jl



3.3 GID

O GID é um software utilizado como pré e pós-processamento, neste caso, para PHILLIPO. Nele é possível criar a geometria do problema, definir as propriedades dos materiais, as condições de contorno, as cargas aplicadas, e, principalmente, gerar a malha de elementos. Além de se ser possível sua integração com um *solver* qualquer, por meio de um conjunto de arquivos de entrada e saída (ambos configurados de forma a permitir uma certa flexibilidade nessa integração), cuja execução é controlada por um *script* em Batch, o que possibilita a automatização do processo de simulação. Nesta seção é abordado como é feita a integração entre o GID e PHILLIPO, por meio das pastas *PHILLIPO.gid* e *PHILLIPO3D.gid*, sendo que, como a nomenclatura dos arquivos sugere, a primeira é utilizada para problemas bidimensionais, e a segunda para problemas tridimensionais.

3.3.1 PHILLIPO.gid

O GID pode ser configurado para operar como pré e pós-processamentos de diversos programas, como o Abaqus, o Ansys, o Calculix..., por meio de um *Problem type*, que é como o GID chama o conjunto de arquivos que configuram o formato de saída dos dados, a criação de determinadas propriedades para as condições de contorno e materiais, como também automatizar a execução da simulação, chamando o programa. Pode-se dizer que o *Problem type* é uma interface para que as informações contidas no arquivo gerado pelo GID (geometria, malha, condições de contorno etc.) sejam salvas em um formato que o programa, o *solver* no caso, possa interpretar, ao passo que o *script* de execução automatiza o chamamento deste, e a simulação seja iniciada.

Na pasta *PHILLIPO.gid* é possível encontrar os seguintes arquivos:

1. *PHILLIPO.cnd*: define as condições de contorno e como são aplicadas;
2. *PHILLIPO.prb*: define as entradas de informações gerais;
3. *PHILLIPO.mat*: define as características dos materiais utilizados para os elementos;
4. *PHILLIPO.bas*: configura o arquivo de saída do GID para ser interpretado por PHILLIPO.jl;
5. *PHILLIPO.bat*: *script* para chamar uma sessão Julia, chamando *link.jl*;
6. *link.jl*: importa o módulo PHILLIPO e o executa.

O primeiro arquivo do *Problem type* de PHILLIPO é *PHILLIPO.cnd*, que define as condições de contorno e sobre quais entidades, leia-se nós, elementos ou geometrias (superfícies, volumes, linhas etc.), são aplicadas, por meio de uma sintaxe específica ¹, uma forma de marcação de texto, que é interpretada pelo GID.

¹ No manual do usuário do GID, acessível em <<https://gidsimulation.atlassian.net/wiki/spaces/GUM/overview>>.

[language=html]../GID connection/PHILLIPO.gid/PHILLIPO.cnd

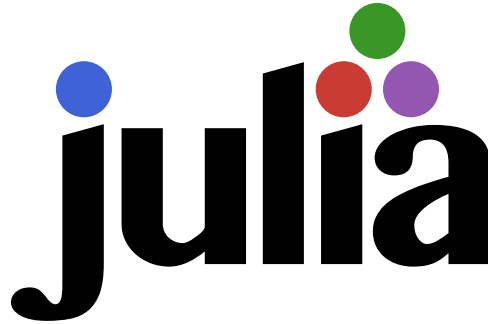
Figura 8 – Arquivo de condições de contorno: PHILLIPO.cnd

é possível encontrar a descrição o funcionamento de toda essa sintaxe, que compreende desde esse arquivo de condições de contorno, como também, dos outros que compões a construção do *problem type*.

4 JULIA

A programming language to heal the planet together. (Alan Edelman)

Figura 9 – Logo da linguagem Julia



Julia é uma linguagem de programação dinâmica, opcionalmente tipada, pré-compilada, generalista, de código livre¹ e de alto nível, criada por Jeff Bezanson, Stefan Karpinski, Viral B. Shah e Alan Edelman, em 2012, com o objetivo de minimizar o problema das duas linguagens (*the two language problem*). É voltada para a programação científica, com capacidades de alta performance e sintaxe simples, similar à notação matemática usual. (SHERRINGTON; BALBEART; SENGUPTA, 2015, Capítulo: The scope of Julia)

4.1 ORIGEM

"In short, because we are greedy."(Jeff Bezanson, Stefan Karpinski, Viral B. Shah e Alan Edelman, em *Why We Created Julia*)

Os criados de Julia eram usuários de várias linguagens, cada uma utilizada para uma tarefa específica. C, C++, Fortran, Python, MATLAB, R, Perl, Ruby, Lisp, Clojure, Mathematica, e até mesmo Java, eram algumas das linguagens que eles utilizavam em seu dia a dia. Cada uma delas tinha suas vantagens e desvantagens, mas nenhuma delas era capaz de suprir todas as suas necessidades. A

¹ A Linguagem Julia, é distribuída, quase integralmente, sob a MIT License, que permite a modificação, utilização e distribuição, seja comercial ou não, de qualquer parte do código, assim como das documentações associadas. Os componentes do módulo Base e as bibliotecas e ferramentas externas, que têm licença diferente, assim como a da própria Julia, podem ser consultados diretamente no repositório da linguagem: <<https://github.com/JuliaLang/julia>>.

5 O MÉTODO DOS ELEMENTOS FINITOS

"As far as the laws of mathematics refer to reality, they are not certain; and as far as they are certain, they do not refer to reality." (Albert Einstein)

O Método dos Elementos Finitos (MEF), *Finite Element Method* (FEM), é um método numérico, e tem como finalidade aproximar a solução de funções de campo numericamente, o domínios que são difíceis de se obter repostas diretas algebricamente. Para tanto, esse domínio é discretizado em vários elementos, ou sub-domínios (ver Figura 10), de tamanho finito, cujos comportamentos já são conhecidos da aplicação de leis físicas. A função de campo desconhecida é aproximada em cada elemento por meio de funções interpoladoras polinomiais, calculadas sobre o valor de campo em cada nó, que são os pontos do domínio sobre os quais os elementos são construídos (o campo, portanto, passa a ser definido não mais pelo conjunto de valores do contínuo, mais sim por essas variáveis desconhecidas discretizadas). Para cada elemento, são definidas equações, por meio das quais eles se relacionam entre si e com o campo. Isso leva à formação de um grande sistema linear, que pode ser resolvido facilmente, e obter-se, dessa forma, a aproximação da função de campo. (OñATE, 2009) Em sua, o método de elementos finitos segue o seguinte procedimento:

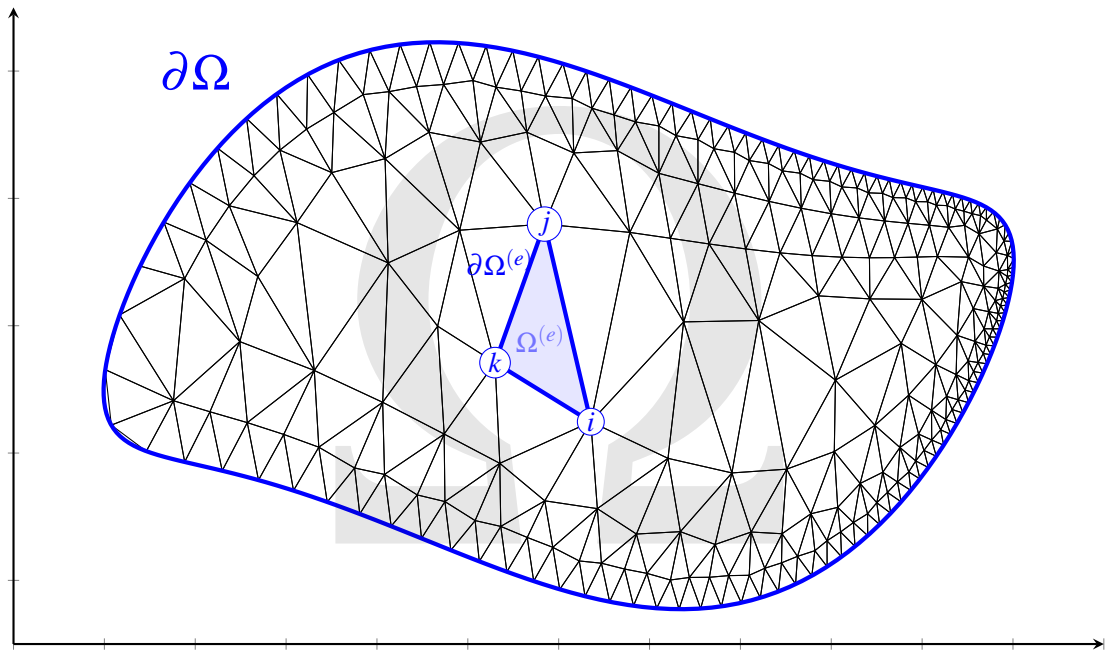
1. definição do domínio (Ω), e das condições de contorno ($\partial\Omega$);
2. discretização do domínio em uma malha formada por nós que constituem os elementos ($\Omega^{(e)}$);
3. aplicação da equação de governo sobre cada elemento;
4. assemblagem dessas equações em um único grande sistema linear global ($K^{(g)}$);
5. resolução do sistema, encontrando os valores nodais do campo ($U^{(g)}$).

No âmbito da análise estrutural aqui aplicada, a função de campo é o deslocamento sobre a estrutura, cuja geometria é o próprio domínio. A equação que rege os elementos é derivada do princípios dos trabalhos virtuais, em que há o balanço de energia entre o trabalho realizado pela deformação do elemento e pelas forças que atuam sobre ele. O sistema formado pelo conjunto dessas equações, aplicadas previamente em cada elemento, tem três termos, que se relacionam assim:

$$K_g \delta u = F \quad (61)$$

O primeiro termo, $[K_g]$, relaciona as deformações dos nós com as forças externas aplicadas sobre a estrutura. $\{U\}$ e $\{F\}$, por sua vez, são, respectivamente, o pseudovetor das deformações dos nós e o pseudovetor das forças externas.

Figura 10 – Domínio discretizado em elementos triangulares.



Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

São dois os tipos de elementos tratados aqui: o triângulo de tensão constante, ou *Constant Strain Triangle* (CST) na aplicação bidimensional, e o tetraedro linear, na aplicação tridimensional.

5.1 ANÁLISE TRIDIMENSIONAL SOBRE O TETRAEDRO

5.1.1 Relação entre tensão, deformação e deslocamento

Quando sólidos são postos sobre carregamentos, eles deformamam, criando tensões internas. A relação entre a tensão e a deformação

As componentes de tensão de sólidos em qualquer ponto são definidas sobre a superfície de um cubo infinitesimal, como mostrado na figura. Em cada superfície opera uma componente normal e duas tangenciais, denominadas, respectivamente, por tensão normal e de cisalhamento (o primeiro termo do índice subscrito indica a o plano de atuação da tensão, o segundo, a sua direção). O conjunto dessas tensões, de acordo com Popov (1990), quando posto em forma matricial, é chamado de tensor de Cauchy, em que as linhas indicam a superfície de atuação da tensão, e a coluna, a direção. Aplicando o somatório de momento no interior desse cubo, é fácil mostrar que, segundo Quek (2003):

$$\sigma_{xy} = \sigma_{yx} \quad \sigma_{xz} = \sigma_{zx} \quad \sigma_{zy} = \sigma_{yz} \quad (62)$$

Portanto, há somente um total de seis componentes distintas de tensão, permitindo que o tensor de Cauchy, possa ser reescrito de forma vetorial, mais compacta:

$$\sigma^t = \begin{bmatrix} \sigma_{xx} & \sigma_{yy} & \sigma_{zz} & \sigma_{yz} & \sigma_{xz} & \sigma_{xy} \end{bmatrix} \quad (63)$$

A mesma estratégia pode, também, ser aplicada à matriz de deformação. Para cada componente do vector de tensão, em todo ponto do sólido, existe uma componenete do vector de deformação:

$$\varepsilon^t = \begin{bmatrix} \varepsilon_{xx} & \varepsilon_{yy} & \varepsilon_{zz} & \varepsilon_{yz} & \varepsilon_{xz} & \varepsilon_{xy} \end{bmatrix} \quad (64)$$

A deformação é a variação da função de deslocamento por unidade de comprimento, desse modo, os componentes do vector de deformação podem definidos em função das derivadas da do deslocamento, da seguinte maneira, de acordo com Quek (2003):

$$\begin{aligned} \varepsilon_{xx} &= \frac{\partial u}{\partial x} & \varepsilon_{yy} &= \frac{\partial v}{\partial y} & \varepsilon_{zz} &= \frac{\partial w}{\partial z} \\ \varepsilon_{xy} &= \frac{\partial u}{\partial y} + \frac{\partial v}{\partial x} & \varepsilon_{xz} &= \frac{\partial u}{\partial z} + \frac{\partial w}{\partial x} & \varepsilon_{yz} &= \frac{\partial v}{\partial z} + \frac{\partial w}{\partial y} \end{aligned} \quad (65)$$

Nessas expressões, as funções u , v e w correspondem às componentes nas direções de x , y e z , respectivamente, do vector de deslocamento sobre o sólido, que é definido como:

$$\varphi = \begin{Bmatrix} u(x, y, z) \\ v(x, y, z) \\ w(x, y, z) \end{Bmatrix} \quad (66)$$

O conjunto de equações 65 pode ser reescrito em termos do vetor de deformações e do vetor de deslocamentos do sólido, obtendo assim a relação deslocamento-deformação em forma matricial, como consta na expressão 67.

$$\varepsilon = \mathbf{L}\mathbf{U} \quad (67)$$

em que a matrix \mathbf{L} é composta pelos operadores diferenciais parciais, da seguinte maneira:

$$\mathbf{L} = \begin{bmatrix} \frac{\partial}{\partial x} & 0 & 0 \\ 0 & \frac{\partial}{\partial y} & 0 \\ 0 & 0 & \frac{\partial}{\partial z} \\ 0 & \frac{\partial}{\partial z} & \frac{\partial}{\partial y} \\ \frac{\partial}{\partial z} & 0 & \frac{\partial}{\partial x} \\ \frac{\partial}{\partial y} & \frac{\partial}{\partial x} & 0 \end{bmatrix} \quad (68)$$

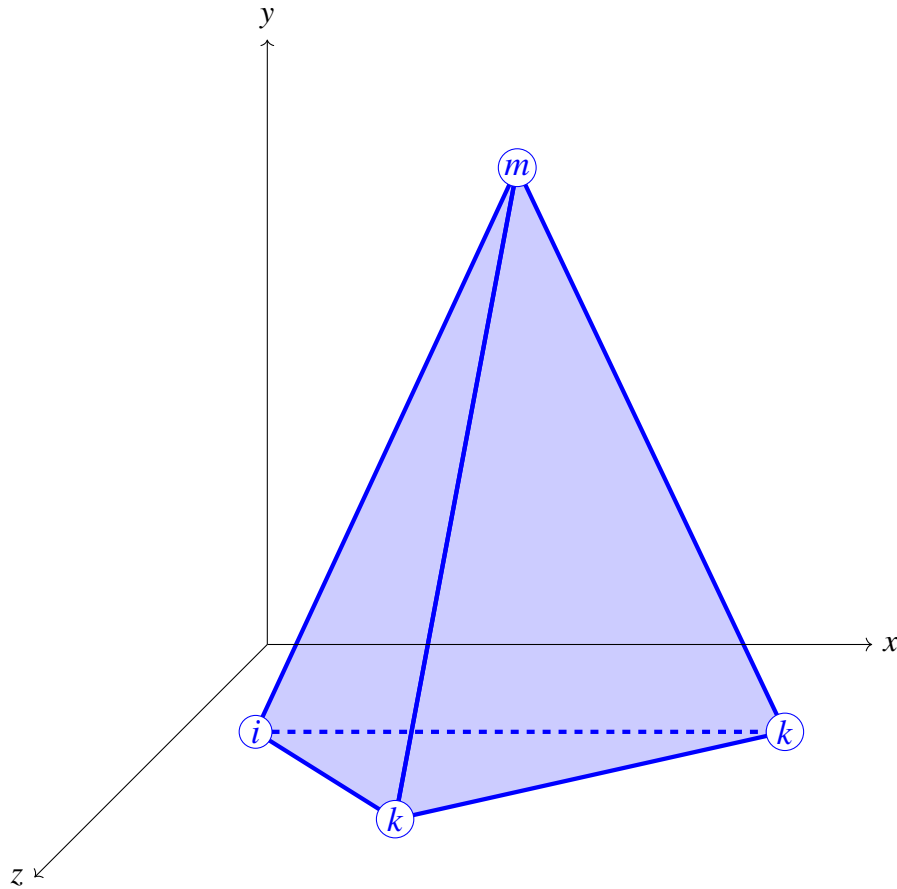
A relação entre tensão e deformação, ou equações constitutivas, é comumente denominada Lei de Hook, e é dada de acordo com Logan (2022), para um material isotrópico, em termos do módulo de Young (E) e o coeficiente de Poisson (ν), ambos obtidos experimentalmente. De forma similar à relação dentre deformação e deslocamento, a relação tensão-deformação é expressa por:

$$\sigma = \mathbf{D}\varepsilon \quad (69)$$

$$\mathbf{D} = \frac{E}{(1+\nu)(1-2\nu)} \begin{bmatrix} 1-\nu & \nu & \nu & 0 & 0 & 0 \\ \nu & 1-\nu & \nu & 0 & 0 & 0 \\ \nu & \nu & 1-\nu & 0 & 0 & 0 \\ 0 & 0 & 0 & \frac{1-2\nu}{2} & 0 & 0 \\ 0 & 0 & 0 & 0 & \frac{1-2\nu}{2} & 0 \\ 0 & 0 & 0 & 0 & 0 & \frac{1-2\nu}{2} \end{bmatrix} \quad (70)$$

em que o termo D é denominado matriz constitutiva, que é constante ao longo de todo o sólido.

Figura 11 – Elemento tetraédrico



Fonte: Elaborado pelo autor (()).2022)

5.1.2 As funções de interpolação

Como já mencionado, a função de campo tratada aqui é o deslocamento sobre o sólido. Para cada elemento discretizado, essa função é interpolada por um polinômio, definido pelo valor do próprio campo nos nós do elemento. Em um elemento tetraédrico, como o da figura 11, há quatro nós (i , j , k e m), e em cada um o campo de deslocamento tem três componentes. Essa liberdade do deslocamento que o campo tem nos nós é chamada de grau de liberdade. As funções de deslocamento, expressão 66, como ditas anteriormes, são definidas como lineares, o que garante a compatibilidade entre cada elemento, fazendo com que não existam desconitnuidades no campo de deslocamentos de acordo com Logan (2022). A função φ , portanto, pode ser decomposta em termos de suas variáveis da seguinte forma:

$$\varphi = \begin{Bmatrix} u(x,y,z) \\ v(x,y,z) \\ w(x,y,z) \end{Bmatrix} = \begin{Bmatrix} a_1 + a_2x + a_3y + a_4z \\ b_1 + b_2x + b_3y + b_4z \\ c_1 + c_2x + c_3y + c_4z \end{Bmatrix} \quad (71)$$

Para encontrar esses fatores, basta aplicar as funções em cada nó.

$$\begin{cases} u_i = a_1 + a_2x_i + a_3y_i + a_4z_i \\ u_j = a_1 + a_2x_j + a_3y_j + a_4z_j \\ u_k = a_1 + a_2x_k + a_3y_k + a_4z_k \\ u_m = a_1 + a_2x_m + a_3y_m + a_4z_m \end{cases} \quad (72)$$

Esse sistema pode ser rearranjado na seguinte forma matricial:

$$\{\mathbf{u}\} = \begin{Bmatrix} u_i \\ u_j \\ u_k \\ u_m \end{Bmatrix} = \begin{bmatrix} 1 & x_i & y_i & z_i \\ 1 & x_j & y_j & z_j \\ 1 & x_k & y_k & z_k \\ 1 & x_m & y_m & z_m \end{bmatrix} \begin{bmatrix} a_1 \\ a_2 \\ a_3 \\ a_4 \end{bmatrix} \quad (73)$$

Portanto,

$$\begin{bmatrix} a_1 \\ a_2 \\ a_3 \\ a_4 \end{bmatrix} = \begin{bmatrix} 1 & x_i & y_i & z_i \\ 1 & x_j & y_j & z_j \\ 1 & x_k & y_k & z_k \\ 1 & x_m & y_m & z_m \end{bmatrix}^{-1} \{\mathbf{u}\} \quad (74)$$

O mesmo procedimento pode ser aplicado às outras funções de deslocamento (v e w).

asdasd

6 VALIDAÇÃO & VERIFICAÇÃO

O desenvolvimento de softwares de simulação, seja utilizando o MEF ou não, é sempre acompanhado de uma bateria de testes, além de um procedimento de validação e verificação, que garante, dentro de uma margem de abrangência do que se propõe o software, sua capacidade de reproduzir resultados concisos, sendo, então, um espelho da realidade.

Verificação, dentro desse contexto, é o procedimento pelo qual se evidencia a exata implementação do modelo matemático no próprio software, ou seja, a verificação que a modelagem programada é equivalente ao algoritmo matemático, dentro dos limites impostos pela aritmética computacional em relação às operações em ponto flutuante¹.

Para que um programa seja considerado válido, é preciso que passe tanto por uma bateria de testes, quanto por um processo de verificação & validação (V&V). O que ocorre, também, em programas sobre MEF. Verificação é o processo pelo qual se determina se um modelo computacional tem acurácia suficiente para representar o modelo matemático em que é embasado. Validação, por sua vez, é o processo para determinar a acurácia que um modelo computacional possui de representar a realidade, dentro dos limites que se propõe. (ASME)

¹ No computador, os números ditos Reais (\mathbb{R}) são representados por um ponto flutuante, que é uma forma discreta, pois os computadores são desenvolvidos em lógica booleana

REFERÊNCIAS

BEZANSON, Jeff; CHEN, Jiahao; CHUNG, Benjamin; KARPINSKI, Stefan; SHAH, Viral B.; VITEK, Jan; ZOUBRITZKY, Lionel. Julia: Dynamism and performance reconciled by design. **Proc. ACM Program. Lang.**, Association for Computing Machinery, New York, NY, USA, v. 2, n. OOPSLA, oct 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.1145/3276490>>. Citado na página 16.

ERNESTI, Peter Kaiser Johannes. **Python 3: The Comprehensive Guide to Hands-On Python Programming**. 1. ed. Rheinwerk Computing, 2022. ISBN 149322302X,9781493223022. Disponível em: <<http://gen.lib.rus.ec/book/index.php?md5=D3E79CF42FF64C30BCBD1365173C229B>>. Citado na página 16.

FOWLE, Martin; BECK, Kent; BRANT, John; OPDYKE, William; ROBERTS, Don. **Refactoring - Improving the Design of Existing Code**. 1. ed. Addison-Wesley Professional, 1999. ISBN 9780201485677,0201485672. Disponível em: <<http://gen.lib.rus.ec/book/index.php?md5=cc6376a683c9a78b10c073aa2eddd3d5>>. Citado na página 16.

HECHT, F. New development in freefem++. **J. Numer. Math.**, v. 20, n. 3-4, p. 251–265, 2012. ISSN 1570-2820. Disponível em: <<https://freefem.org/>>. Citado na página 34.

LOGAN, Daryl L. **A First Course in the Finite Element Method, Enhanced Edition, SI Version**. 6. ed. Cengage Learning, 2022. ISBN 0357676432,9780357676431. Disponível em: <<http://gen.lib.rus.ec/book/index.php?md5=C987600444DEED4576ED20233CC49A72>>. Citado 2 vezes nas páginas 44 e 45.

LUBLINER, Panayiotis Papadopoulos (auth.) Jacob. **Introduction to Solid Mechanics: An Integrated Approach**. Springer International Publishing, 2017. ISBN 978-3-319-18878-2,978-3-319-18877-5. Disponível em: <<http://gen.lib.rus.ec/book/index.php?md5=43b5224440ffc99f4b40d894dcb2bdc>>. Citado 2 vezes nas páginas 30 e 33.

OñATE, Eugenio. **Structural Analysis with the Finite Element Method. Linear Statics: Volume 1: Basis and Solids (Lecture Notes on Numerical Methods in Engineering and Sciences) (v. 1)**. 1. ed. [s.n.], 2009. ISBN 1402087322,9781402087325. Disponível em: <<http://gen.lib.rus.ec/book/index.php?md5=589bba29f786a93857f01ff9d12136cc>>. Citado 2 vezes nas páginas 15 e 41.

POPOV, Egor P. **Engineering Mechanics of Solids**. Prentice Hall, 1990. (Prentice-Hall International Series in Civil Engineering and Engineering Mechanics). ISBN 0-13-279258-3,9780132792585. Disponível em: <<http://gen.lib.rus.ec/book/index.php?md5=dab102c9ca4bd8e45556ebcd62b53b57>>. Citado 6 vezes nas páginas 19, 20, 21, 26, 27 e 43.

QUEK, G.R. Liu S. S. **The Finite Element Method: A Practical Course**. Butterworth-Heinemann, 2003. ISBN 9780750658669,9781417505593,0750658665. Disponível em: <<http://gen.lib.rus.ec/book/index.php?md5=85760afdc4189ab75d846ee5fd53d6aa>>. Citado na página 43.

ROYLANCE, D. **Mechanics of Materials: Introduction to Elasticity**. Massachusetts Institute of Technology, 2000. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=nP54tAEACAAJ>>. Citado 3 vezes nas páginas 21, 25 e 27.

SHERRINGTON, Malcolm; BALBEART, Ivo; SENGUPTA, Avik. **Mastering Julia: Develop your analytical and programming skills further in Julia to solve complex data processing problems**. Packt Publishing, 2015. ISBN 978-1-78355-331-0. Disponível em: <<http://gen.lib.rus.ec/book/index.php?md5=de5338c3a3b90bba52c20f544bd71456>>. Citado na página 40.

ZIENKIEWICZ, O.C. **the Finite Element Method**: Volume 1: The basis. [S.l.]: Butterworth-Heinemann, 2000. Citado na página 15.

ANEXO A – CÓDIGO FONTE DE PHILLIPO.JL

```
./src/PHILLIPO.jl [firstline=17]../src/PHILLIPO.jl  
./src/modules/includes.jl ../src/modules/includes.jl  
./src/modules/IOfiles.jl ../src/modules/IOfiles.jl  
./src/modules/Elements.jl ../src/modules/Elements.jl  
./src/modules/Matrices.jl ../src/modules/Matrices.jl  
./src/modules/Solver.jl ../src/modules/Solver.jl  
./src/modules/Stress.jl ../src/modules/Stress.jl
```